

Direcção: António Dantas, filho

Editor: Manuel Guimarães

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser enviada para a sua sede: Rua Dr. Avelino Germano, 62—e a relativa à administração, para a Rua de Paio Galvão, 70.

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranesse
Rua de Paio Galvão

O LUSITANO

Publicação semanal

Propriedade da Empresa de O LUSITANO

O Lusitano é o periódico vimaranense de maior tiragem e circulação neste concelho.

DEFESA NACIONAL

Fala-se muito agora em defesa nacional; para este fim organizou-se em Lisboa uma comissão central e várias outras se têm constituído em diversas terras.

¿Será agora chegada a ocasião de se tratar seriamente dessa grande obra que, desde há tantos anos, é reclamada pela honra do país e pela liberdade da nação? A primeira vista parece que sim, que realmente agora a empresa da defesa nacional vai entrar numa fase de grande actividade. Parece que em toda a nação se trabalha com notável entusiasmo na aquisição dos meios necessários.

Dentro em poucos anos, se não houver esmorecimentos nem desânimos, Portugal estará em condições, não de ser conquistador como o foi noutros tempos de inolvidável glória, senão de guardar honradamente todo o seu património continental e colonial, afastando os assaltos de aves de rapina que tentam despedaçá-lo. Assim o parece a quem se deixa engodar dalguns entusiasmos momentâneos, como os que agora por aí se vêem, e que não sabe a corrupção da nossa política.

Para a projectada obra de defesa nacional o que primeiro se pede é muito dinheiro. Milhares, dezenas de milhares de contos são precisos para restaurar e melhorar a nossa marinha de guerra e fornecer ao exército o armamento de que elle carece. E como a obra é para proveito de todos, para todos se apela, fazendo-lhes lembrar que é o patriotismo que exige um tal sacrificio.

Pois, posto que reconheça já de há muitos anos, a necessidade da defesa nacional e deseje sinceramente que ela se torne numa realidade, ouso dizer que nada se conseguirá. Formem-se comissões e sub-comissões, afervorem-se entusiasmos e estimule-se o patriotismo, e tudo ficará como dantes se não ficar pior.

Esta grande obra é como muitas obras, que, num momento de mais radiosas esperanças, se intentaram e que bem depressa se esqueceram.

O povo já está muito batido pelos discursos inflamados dos nossos salvadores que, louvado Deus, surgem aí de cada canto como os tortulhos. Já não cai às boas na arriosa que lhe pretendem armar. E, francamente, anda muito bem. De charlatães e engrampadores está mais que farto.

Deve-se tratar, não há dúvida, da defesa nacional; todos se devem sacrificar por ela quanto o comportem os seus recursos. Mas é preciso primeiro saber uma coisa da mais alta importância.

¿Quem toma conta dos nossos dinheiros subcritos?

Quem os administra?

¿Quem nos garante que não serão desviados do alto fim a que se destinam?

E não nos digam que estes receios são infundados.

¿Quem é que deve ter mais zêlo com a defesa nacional e fazer as maiores economias possíveis para esse fim?

Não é o governo?

Pois bem: o governo aí está alimentando tubarões de assombrosa voracidade; aí está multiplicando os tentáculos sugadores da burocracia que nos exaure; aí está despresando todas as regras da mais elementar economia.

¿Ora pedir sacrificios ao povo, embora para

um fim tam nobre, quando a administração do Estado é uma lástima, não é um contra-senso?

¿Quem é que primeiro deve dar o exemplo da austeridade, da abnegação, da dedicação?

O governo, os que intervêm na administração nacional.

Enquanto a nossa politica fôr o que, por desgraça nossa, tem sido, desmoralizadora, esbanjadora, injusta, desmazelada, não esperem que o povo caia na patetice de fazer sacrificios voluntários. Paga as suas contribuições ao Estado, porque se quer ver livre de vexames e de penalidades; mas ofertas voluntárias para serviços públicos não fará, porque receia que sejam perdidas.

E assim me parece que os floreos discursos patrióticos, feitos com a mira de entrar no bolso do povo, não darão o resultado que muitos ingénúos, ou que se fingem tais, esperavam.

P. A.

A festa a Santa Luzia no 3.º ano da Intangível

Na sua velha e musgosa capelinha, situada na rua Agra, celebrou-se no dia 13 do corrente, dêste terceiro ano da Intangível, a romaria e festa à gloriosa virgem e mártir Santa Luzia, que no ano da graça de 304 sofreu; pela sua ardente e cristianíssima fé em Jesus, cruel mártirio.

O nosso actual e glorioso Cabido da insigne e democrática Colegiada, sempre austero e entusiástico cumpridor de seus deveres piedosos,—lá se fez luzidissimamente representar e assim provou que sabe corresponder às piíssimas e últimas vontades de centenas de benfeitores que lá da Terra da Verdade muito e comovidamente os estão abençoando.

E' bom notar que o Povo soberano concorreu, como sempre, com as suas dádivas metálicas—uns 107 530 réis,—e as suas gracinhas de sardãozinho, etc., etc., sempre ingenuamente e sem má intenção, para o magnífico êxito de tam medieval festa!

E sempre na paz apeteçada, pelas 11 horas começou a missa solene a grande instrumental pela Escola cantorum do Priorado, sendo celebrante Sua Ex.ª o Sr. D. Prior Mariano Rosa, acolitado pelos Rev.ªs Aureapena e Teixeira e servindo de mestre de cerimónias o Rev.ª Azeitona.

A medieva capelinha achava-se bizarramente ornamentada, sobressaindo o primor da arte e bom gôsto por entre a riqueza de uma caprichosa decoração de veludos, damascos e sedas, tudo habilissimamente combinado nas côres, na disposição de lumes e plantas de forma a causar como que uma belissi-

ma miragem daquele sublime país de Eleitos, onde a formosa Santa desfruta o prémio da sua constância e fortaleza na defesa da fé jurada.

Flores de murta, pois, aos ornamentistas Casimiro & Companhia, da Oliveira, que puzeram em ingente destaque o seu valor e desinteressado gôsto artístico.

A orquestra, sob batuta do maestrino Justino Ferreira, houve-se, como sempre, sinfónica e admiravelmente, e executou:

Sinfonia; «Sindicância», de Alfredo Correia; «Salutáris», de Mário Vieira; «Missa», de Crespo Guimarães; «Gradual», a grande côro, de Antero Costa; «Avé Maria», de M. de Barros; «Credo», de Mourão; «Intermezzo», de Laurentino.

Do sermão foi encarregado o Rev.ª «Alvorada», que teve o selecto e distintissimo auditório em constante arrebatamento, sobretudo quando se dirigiu às filhas e mocidade de Guimarães, sangue e nervos daquele sangue e daqueles nervos que impeliram os Gamas, os Albuquerque e modernamente os Afonsos e os Britos, a dobrarem cabos, a descobrir mares, a conquistar a Pérsia e a Índia e a elevar até às alturas do Everest esta nação gloriosa e imortal!

Cesse, pois, tudo que a antiga musa canta...

E para perpétua e grata memória diremos que assistiram à festividade o Ex.ª Comandante do 31.º Corpo de Polícia, o sr. Escrivão dos Bens do Estado, deputações das Juntas paroquiais da Oliveira, Sam Paio e S. Sebastião, Creche, Cantina e bem assim a meza e membros do Definitório da Irmandade, re-

presentada em grande número e sob a presidência do sr. Carvalhinho, depositário mór das Capuchinhas, Doroteias, etc., etc. . . .

E ainda os talassas gritam que não há liberdade nem religião! . . .

22 | 12 | 1912.

Edgar.

Conferência

Noticiando uma conferência realizada em 7 do corrente no teatro D. Afonso Henriques, destinada a evidenciar o estado actual da defesa nacional, diz o *Trapo* da penúltima quinta-feira:

«A concorrência foi regular, mas era de esperar mais interesse por assuntos de tam capital importância».

Por seu turno o conferente faz publicar no mesmo *Trapo* um agradecimento em letra gorda que principia:

«O cidadão Alberto Velloso de Araujo agradece muito penhorado as homenagens da cidade de Guimarães».

Era ou não era?

Se a concorrência foi regular não foi muita, e tanto assim que era de esperar mais interesse por assuntos de tam capital importância, e o nosso teatro não é tam grande que seja necessária muita gente para o encher, não tendo, portanto, neste caso, lugar o agradecimento a uma cidade que não correu em massa a ouvir a palavra do cidadão sr. Alberto, como aconteceu quando da vinda dos cidadãos srs. Drs. António José de Almeida e Alfredo Pimenta.

Só se o cidadão conferente se quer referir às homenagens que a cidade lhe prestou nas ruas; mas, com franqueza, não demos portal e cremos que noventa e oito por cento dos seus habitantes não deram pela sua passagem.

Ficam muito bem ao cidadão conferente os sentimentos de popularidade manifestados e nós não tocaríamos no assunto se não notássemos a grande diferença que existe entre a notícia e o agradecimento.

A conferência não assistimos, mas pelo relato do *Trapo* vemos que

«O conferente demonstrou com proficiência, ardor e eloquência o estado de penúria a que o regimen dos esbanjamentos deixou chegar o nosso glorioso exército, quasi desprovido de material de guerra e a nossa heroica marinha reduzida a alguns charcos de insignificante valor combativo, à vista dos quais nos sentimos amesquinhad».

A mesma cantiga de todos, en-sossa, corrida, estafada e batida por toda a parte.

Já estamos fartos de saber que a monarquia foi o regimen dos esbanjamentos, das ladroerias e das poucas vergonhas, mas o que ainda ninguém foi capaz de demonstrar-nos com provas à vista é onde estão as economias, as li-

beralidades e o pudor dos homens que há dois anos e pico a esta parte tem gerido os interesses da nação.

O déficit aumentou, e muito consideravelmente, a situação financeira e económica do país está em muito piores circunstâncias, a despesa pública é muito maior, os afilhados continuam agarrados às abas das casacas dos padrinhos, as condições de vida estão muito mais agravadas... e por aí adiante que é um louvar a Deus.

Porque motivo se fala pois, sómente, em que o regimen depositado era o regimen dos esbanjamentos se os actos dos homens que tem dirigido o actual não fornecem a ninguém autoridade moral para falarem nessas coisas, porque, se esse foi o maior crime da monarquia, é certo que esses homens da república não tem tido a precisa força de vontade de bem servirem a sua pátria para enveredarem por caminho diverso.

¿O que se esbanjou no tempo da monarquia?

O que se economizou nos últimos dois anos e pico.

¿Em que constituiram os esbanjamentos monárquicos?

Em que constitua a economia dos mesmos dois anos e pico.

¿Quais os lugares desnecessários que a monarquia mantinha?

¿Quais esses lugares que a República cortou?

Era isso o que queríamos ouvir dos diferentes oradores que não se cansam de atordoar os ouvidos do pacífico Zé-pagante dizendo-lhe que a monarquia era o regimen dos esbanjamentos, das ladroeiros e das poucas vergonhas, e esses deviam dizer-lhe também, se são bons cidadãos e se são bons portugueses, quais as novas despesas que a república creou, quais os luxos caros a que se entregou e, enfim, qual tem sido a sua vida até agora.

O resto é já sabido e estafado.

Não somos monárquicos, nem por convicção nem por teimosia, mas vemos que o povo português, aquele que sofre e que trabalha, aquele que geme e que paga, tem uma imperiosa necessidade de ser monárquico para não ser confundido com tais oradores que procuram encobrir chagas cancerosas e ulceradas com as pustulas de outras que já deviam estar cicatrizadas.

Porque, verdade, verdade, desde que o mal não tem remédio e nós não somos milhores, não devemos pôr a descoberto as faltas de outros e com elas procurarmos encobrir as nossas próprias.

Não somos monárquicos, repetimos, mas custa-nos ver tanta incoerência e a nossa prática da vida demonstra-nos que não é por tal caminho que se alcança o que se deseja.

Isto mesmo, que não é pelo caminho que se tem trilhado que se chega a bom termo, já nós o fizemos sentir à ilustre comissão dos oficiais de infantaria n.º 20, a qual para conosco não mais deu sinal de si, que é como quem diz —voltou-nos as costas.

Hoje repetimo-lo.

O povo já está cansado de ouvir recriminações e tretas cantadas em vários tons.

O povo quer ver factos.

A intenção das comissões de oficiais é muito patriótica, já aqui o dissemos, mas não basta esse patriotismo.

E' necessário outro que também já aqui apontamos, sem o qual serão infrutíferos todos os esforços.

E se os esforços das comissões resultarem de nenhum ou quasi nenhum efeito trabalhando isoladas, o que fará quando acompanhadas dos oradores que só sabem fazer uso da palavra para recriminar e insultar os outros.

Porque o povo, apesar dos nossos oitenta por cento de analfabetos, não é tam estúpido que não saiba formular este raciocínio:

—Fala muito bem. Mas o que tendes vós feito, se eu ainda estou

em piores circunstâncias? ¿E quando existia esse regimen de esbanjamentos, quantos dos vossos não andavam à babugem dos homens de então para que as escorrências desses esbanjamentos lhes enchessem as minguidas algibeiras, e quantos dos vossos não faziam parte dos esbanjadores?!

Quem te ensinou sapateiro...

A república e suas leis!

Esta não lembraria a Socrates, a Diogenes, a Voltaire, a Zola—meterem-se naquilo de que não percebiam—mas lembrou, e com toda a retumbância de estilo, ao nosso impagável sr. A. L. de Carvalho ir falar em uma missão de propaganda, em prol da defesa nacional, que a comissão de oficiais do regimento de infantaria n.º 20 realiza hoje em S. Martinho de Conde sobre a república e as suas leis!

O sr. Carvalho a discretar sobre a república e as suas leis!

Oh! mas isso é grandiosamente piramidal!

E' único nos anais da vaidosa imbecilidade indígena!

Ah! república, república quam mal compreendida é!

No tempo do outro regimen havia o dandismo da política republicana; indivíduo que quizesse salientar-se, deitar figura, fazer parte de comissões, e que o seu nome andasse nos jornais e nos panfletos, fazia-se republicano porque, para os outros partidos então existentes, eram uns completos zeros, e como o partido republicano nesse tempo (e ainda hoje mercê do procedimento de tais nulidades) era também um perfeito zero, só assim podiam satisfazer as suas loucas pretensões, agregando-se os zeros políticos em volta dum outro zero a que davam o nome bombástico de partido republicano, o importante partido que nas últimas eleições monárquicas conseguiu, depois dos inolvidáveis esforços dos seus adeptos, meter nas urnas de todo o concelho de Guimarães, que deve ter cerca de 6000 eleitores, a enorme quantidade de 6 (seis!) votos!

1x1000 já não é mausinho de todo!

Mas fizeram um figurão os figurões!

Nas assembleias da cidade principalmente fizeram uma zaragata de todos os diabos e conquanto não conseguissem em votação mais do que a reduzidíssima fórmula 1x1000 impuzeram-se, destacaram-se, deitaram figura e os seus nomes saíram com letras de palmo e meio nos jornais e nos panfletos da grei.

Eram assim os nossos republicanos.

República! Eles sabiam lá o que isso era!

Deitar figura, eis tudo! E faziam-se republicanos para realizarem essa doirada aspiração.

Foi com tal gente que os jornais nos trouxeram em 6 de Outubro de 1910 a noticia da implantação do novo regimen e foi então que a vaidade dos nossos republicanos sabidos e não sabidos chegou ao seu cúmulo, impando de alegria ao ver que era chegada a hora do ajuste de contas com aqueles que, dias antes, os haviam desviado de si com a biqueira da bota.

Foi desta forma que ascenderam às cadeiras da Câmara Municipal a par de alguns, muito poucos, homens sensatos, outros que foram manchar a vasta galeria de nomes de homens ilustres que pela Câmara tem passado, mas manchá-la de uma forma tam indelével que jámais conseguirão limpá-la.

Foi assim que um bisonho bacharel, que até então se tinha conservado afastado, para sua comodidade, da politica, tendo feito isso público por declaração em jor-

nais, saiu da concha onde as conveniências o haviam feito encafiar, e fez com que o nomeassem administrador do concelho.

Foi por este processo que Guimarães se viu rapidamente nas mãos de inconscientes, falhos de autoridade e de critério, uns porque só tinham aparecido para deitar figura, outros porque só apareceram depois para abicharem os melhores lugares.

Hoje, como além de republicano é necessário ser mais alguma coisa e já não há perigo de falar, ampliou-se o sistema. Há o dandismo comícioeiro, Quem quer salientar-se e deitar figura faz-se orador de comícios.

Temos alguns de-veras muito curiosos.

Entre os exemplares que o outro regimen nos legou, figura com grande destaque o cidadão sr. A. L. de Carvalho, cujos pruridos de indecorosa vaidade já temos estampado nas colunas deste jornal.

Conhecemo-lo desde o velho regimen em que ele apenas era conhecido como ensaiador das raparigas que constituíam os ranchos de fingidas camponesas que se exibiam nas festas da cidade, de cuja ignorância abusou um dia na Câmara Municipal, quando da visita dum oficial e do regente dum banda do exercito espanhol, levando-as a corresponderem, como corresponderiam, coitadas, a qualquer outra coisa que igualmente ignorassem, aos seus vivas à Espanha de Salmeron, o que lhe valeu uma dura lição dos referidos espanhóis e do saudoso Abade de Tagilde então presidente da Câmara.

A vontade de destacar-se que se manifestava e uns desejos de superioridade sobre os seus correligionários, que foi um pecado que sempre teve. Isso lhe perdoamos porque reconhecemos que era um fraco.

Mais tarde apareceu-nos comediografo, sobraçando um estopante pastelão que andou aí a oferecer a este e àquele grupo para lho representarem, sem que nenhum lhe pegasse, e o qual veio, afinal, depois de diferentes amputações, a morrer, e com ele a vacuidade do autor na noite de 28 de Novembro, sumindo-se pelo alcapão do palco do teatro D. Afonso Henriques, qual diabo de mágica.

Também isso lhe perdoamos porque afinal uns tiposinhos assim servem até às mil maravilhas para nos distraírem nas horas de aborrecimento.

Agora sai-nos legisperito!

Isso não podemos perdoar.

Que nos poderá dizer o sr. Carvalho sobre leis?!

Naturalmente, parece-nos já estar a ouvi-lo, vai falar sobre as leis que mais tem impressionado o espirito público.

¿Que nos poderá dizer o sr. Carvalho sobre a lei do divórcio, que fez do casamento, essa instituição sagrada que é a pedra basilar da constituição da família onde se encerra a estabilidade e o futuro de um povo, um contracto de sociedade entre homem e mulher com o direito de qualquer deles o rescindir sem o menor respeito para com os compromissos que tomaram, para com os filhos a quem devem por igual carinho e educação e que não podem, uma vez divorciados os pais, estar com os dois ao mesmo tempo?!

¿Que nos poderá dizer o mesmo sr. Carvalho sobre a lei do inquilinato, que nem agradou aos inquilinos nem aos senhorios e que é uma trapalhada que ninguém percebe?!

¿Que nos poderá dizer ainda o sr. Carvalho sobre a lei da Separação que veio indispor e indignar a enormíssima maioria da população portuguesa?!

Por S. Timóteo!

E' o caso que se tem dado sempre e em tudo que se relacione com propaganda republicana.

Todos se julgam com o direito de poderem falar, porque todos

É S T U ?

Estrela, meu Farol, luz que tanto brilha!
Se Deus levou a Mãe, ficaste tu ó Filha!...

De os «Poentes»

Henrique Luso.

Ficaste tu ó Filha p'ra que a tua imagem
Me confiasse ao peito o linitivo à dor;
Ficaste como o balsamo desta voragem
Para que repercuta ao longe o meu amor!

Ficaste como um beijo oculto na folhagem
De meigo roseiral de deslumbrante alvor;
Ficaste como a pet'la levada p'la aragem
Sem Mãe, sem luz, sem beijos, despreza da flor!...

Dois poetas te cantam qual orfã como és:
Um, a teu lado, canta o puro amor de Pai,
O outro, cá longe, quer lançar-se p'ra teus pés!

Tam absorto procura o monte do Sinai
Onde falar-te possa como a Deus Moisés
Que já nem forças tem para suster um... Ai!!...

Romeu.

imaginam que só a sua qualidade de republicanos impõe silêncio e respeito às massas, embora em vez de uns discursos medíocres profiram as maiores parvoíces e os mais descarados destemperos.

O que aqui prejudicou a marcha das simpatias para o actual regimen, foi precisamente a vaidade de que os nossos Mecenas se possuíram e a desfaçatez com que alguns se apresentaram a falar em público, não fazendo outra coisa senão insultar tudo e todos julgando que assim conseguiriam alguma coisa.

Julgavamos isso acabado, mas vemos que ainda não está.

Continua ainda campeando a asneira e a sandice.

Agora é o sr. Carvalho que vai falar sobre a república e as suas leis.

Se ele, como ensaiador dos ranchos à moda do Minho, não nos ofereceu nada de novidade, como comediografo não deu coisa alguma, que nos poderá dar como legisperito?!

E' o caso para se dizer «quem te ensinou sapateiro a tocar rabeção...».

Se estes tipos se conhecessem!...

Mas, agora conhecem!

A vaidade embotou-lhes o entendimento.

Modos de ver

Ouçõ ao longe rugir uns sons dispersos, tremendos sons que me gelam, e quedo-me escutando. E' Portugal que chora, a Pátria que treme perante as arremetidas dos seus próprios filhos que se degladiam, encharcados já no lamaçal corredio que nos ha de conduzir ao abismo.

Todas as bocas tem falado, ora protestando contra leis iníquas, ora reclamando um átomo de liberdade que não nos é digna, por enquanto usufruir. O turbilhão ainda redemoinha cada vez com mais valentia e a intriga alcerça-se dos corações mal feitos, pronta a burbulhar à voz do ódio que a governa.

Hoje o forte cala-se, o fraco arremete, o talento escuta e o imbecil afronta; nem uma hora de sossêgo, nem um minuto de paz. Homens de mentalidade vária nos tem governado sem que ainda um único tenha encontrado o toque à moeda; todos afinam pelo mesmo diapasão; todos cavando, uns após outros, mais fundo o fôssõ onde um dia, fatal pelas lições da história, havemos de chafurdar.

Tanto talento, tanta perspicá-

cia política, tanta sêde de liberdade e correm três anos de República sem que um dia se não ouçam nos tribunais o tilitar das espadas desembainhando-se em continência a um veridictum que vai arremessar para as jaulas penitenciarías centenas de cidadãos por crimes políticos, que vai desnudar por completo centenas de inocentes sem culpa do ideal paterno, que vai enviduar centenas de espôsas, longe, muito longe chorando a crueza do martírio e, quem sabe, pedindo uma esmola para pagar ao estado uma contribuição que vai reforçar a prisão do seu único braço sustentador.

Pelo caminho da vingança, pelo caminho da perseguição todos nós temos visto como a Patria tem progredido, como o tesouro tem melhorado, como a paz tem assentado neste torrão e a fraternidade tem expandido, sem que chispe uma faísca na mente dos nossos governantes mostrando-lhes o caminho adverso que tem percorrido, para poderem endireitar pelo recto dever duma democracia.

A experiência está feita e, desgraçadamente, os efeitos mostram-se dum evidência tal, que um governo, regido contrariamente ao que tem seguido, os desfaria por completo. Se até hoje, por este andar, todos estão descontentes, trilhem uma política em tudo contrária à que tem trilhado e Portugal entrará no gôso da liberdade que lhe é tam nessessária e na paz que fortalece todas as nações.

**

Um dia aproxima-se, único, para dar início a tam bela política; é o dia da festa da Família, o dia de Natal.

A' frente da República Portuguesa assenta-se um homem, um coração poeta que, quanta vez, se expandiu na dor em largos sentimentos, em estrofes de melancolia chorando as exprobrações humanas! E' nesse homem, em Manuel de Arriaga que hoje se concentram milhares de peitos, é para ele que se erguem milhares de preces.

Centenas de esposas, mães e filhos estão chorando a ausencia cruel de seus maridos filhos e pais. Cada dia que passa é um latego que os castiga e um tormento a mais que os dilacera conjuntamente àqueles que, a ferros da República, expiam o erro de terem levantado a voz pela sua crença e terem feito um gesto pelo seu ideal.

Uma amnistia que abra as portas da prisão a esses desgraçados já bem penitenciados é um dever

Justiça

Devido á nobre attitude dos professores de ensino secundário e do Conselho Superior de Instrução Pública, ficou sem effeito a vergonhosa exoneração do Reitor do Liceu de Beja, Dr. Madeira, que havia cometido o horripilante crime de não ter cumprimentado um rancoroso Governador Civil, desastrado censor dum não menos desastrado e corrido Ministro da República á beira-mar plantada para os da *Iguardade e Frautandade*. E' que acima, muito acima do pequenino Ministro estava uma classe inteligente e unida a exigir justiça.

Óptimos zeladores do regímen

O Rev. Luís Dias da Silva, prior do Mosteiro de Souto, vai publicar o sermão da Imaculada Conceição, que no dia 8 do corrente pregou na igreja matriz de Fafe, precedido da narração dum curioso episódio, que motivou aquella publicação, pela qual se provará que também em Fafe há óptimos zeladores do regímen.

Associação de Classe dos Operários Cortidores e Surradores

Tendo-se procedido no dia 15 do corrente á eleição dos corpos gerentes da Associação de Classe e Caixa de Socorros dos Operários Cortidores e Surradores, para o anno de 1903, deu o resultado seguinte:

Assembleia Geral—Presidente, José Tadeu Ribeiro; 1.º Secretário, Abílio Carneiro; 2.º Secretário, António Ribeiro Junior.

Direcção da Associação—Presidente, José Carneiro; 1.º Secretário, António da Cunha Paredes; 2.º Secretário, António Martins da Silva; Tesoureiro—Jacinto Pereira Pantaleão; Vogais, Domingos Magalhães, José de Oliveira Guimarães e Gaspar da Silva.

Comissão de Melhoramentos—José da Silva Oliveira Salgado, Francisco Luís de Matos e António José da Silva.

Direcção da Caixa—Presidente, José Carneiro; 1.º Secretário, António da Cunha Paredes; 2.º Secretário, António Martins da Silva; Tesoureiro, Jacinto Pereira Pantaleão; Directores efectivos, Domingos Magalhães, José de Oliveira Guimarães e Gaspar da Silva; Directores substitutos, João José de Oliveira, Raul Pereira Pantaleão e João da Silva.

Almanaque de A Fé Cristã Papa 1913 Dedicado ás famílias católicas

À venda nas boas livrarias

Brochado... 150 réis.
Cartonado... 200 réis.

Depósito em Guimarães: Tipografia Minerva Vimaranesense.

Sociedade Martins Sarmento

Compram-se nesta Sociedade alguns exemplares de catálogos da sua Biblioteca impressos em 1888.

Guimarães, 13 de Dezembro de 1912.

Sociedade Martins Sarmento

Acha-se em pagamento na sua séde, em todos os dias

que a Pátria tem a cumprir como único passo a dar para o apaziguamento do ódio que cada dia sobe si a República acarreta.

Cremos e bem que Manuel de Arriaga não deixará passar o dia de Natal sem uma prova cabal do magnânimo coração que orna o seu todo, enviando a todo o lar sem pai um pai, a todo o lar sem filho um filho. Só assim a Pátria se desanuviará do luto que a carga e a República poderá levantar a fronte com altivez neste dia solene, de recordações saudosas, dias de felicidade para tanto desgraçado que no mundo habita sem uma única lembrança a não ser a da mulher e dos filhos.

Oxalá o Natal de mil novecentos e doze seja o dia do perdão, e do esquecimento da offensa, para que o ano de mil novecentos e treze deslize sem atritos na nossa história tam esbulhada das proezas que elevam, tanto os homens como as nações, a um alto grau de civilização.

E.

Cartas do Pôrto

POR ROLANDO PERFEITO

18—XII—1912.

Literatura, mundanismo, teatro, arte e sport

O melhor dos mundos

Muito frio, meus amigos, muitas constipações, muito patriotismo, muito militarismo e muita pouca vergonha,—eis no que consiste a grande abundância do momento. Em compensação, porque não há nada nesta vida que não tenha as suas compensações, ainda mesmo as maiores desventuras, uma grande escassez de carácter e uma grande crise de senso.

Mas o mundo continua a rolar sempre com a configuração geográfica dum laranja, sem que todo o lixo e todas as misérias que cá vão dentro, o achatem com o péso dos seus incontáveis milhões de toneladas.

Não há, pois, razões para receios ou apreensões.

Este mundo é o melhor dos mundos possível, e todas as coisas correm pelo melhor. Andam para aí alguns desorientados, tropejando o seu pessimismo e o seu desespero, querendo á viva força convencer os outros de que isto vai de mal a pior e de que caminhamos para um abismo. Enfim, é uma caturrice como outra qualquer. Pobres dêles, como não de pensar doutra maneira se o excelente dr. Pangloss nunca lhes ensinou a sua excelente filosofia! Só aquele simpático *Cândido*, de Voltaire, que tinha sido seu aluno e sempre concordado com o espirito da sua doutrina filosófica, apesar de ter sofrido todas as terribes calamidades do destino, andando toda uma vida atrás da sua adorada *Cunégonde*, só esse ingénuo e casto mocinho poderia servir de lição aos caturras dos meus amigos que se não cançam de dizer mal desta optima coisa que se chama o mundo e onde há tam gentis mulheres e tam belas e suculentas ceias!...

Pelos teatros

O Pôrto, finalmente, este inverno tem onde passar as noites. Todos os seus teatros funcionam, mas em todos elles escasseia a concorrência. E porquê? Achamos muito bem e muito justo que o público brilhe pela sua ausência no Carlos Alberto, por exemplo, onde actualmente se representa uma revista de género *borracheira*, que dá pelo nome de *Có-có-ró-có* e que nunca foi revista, para ser simplesmente, quer queiram quer não queiram, uma jocosa e bem movimentada fita de animatógrafo que, para fazer rir

e ter espírito, não seria mesmo necessário que os artistas declamassem e que a mediocridade da música se fizesse ouvir. Não indo vêr esta peça, perdem os imbecis uma bela ocasião de dar largas ao seu entusiasmo, aplaudindo com todo o calor um dos géneros teatraes do seu maior agrado.

E como para honra da humanidade esta espécie está nella largamente representada com uma tendência para um grande desenvolvimento, isto com grande gáudio de certos empresários e autores que dela tiram todo o seu proveito, não tem faltado á revista quem a aprecie com entusiasmo e quem proclame a sua superioridade indiscutível.

Quanto á companhia que ora funciona na Águia de Ouro, não vale a pena falar nella, pela mesma razão de que seria insensato e ridículo falar numa coisa insignificante com a pretensão de ter algum valôr. O que deveras lamentamos é que alguns elementos de certa importância, que dela fazem parte, se exponham ao descrédito que lhe é devido pelo seu detestável conjunto. Mas, enfim, nós compreendemos muito bem. O que em inglês se diz *the struggle for life* tem destas conseqüências desolantes.

Como na vida, porém, tudo tem as suas compensações, temos no teatro de Sá da Bandeira, um dos milhores do Pôrto, já pela qualidade dos seus frequentadores, já pelo grande número de vantagens que reúne sobre os outros, sob o ponto de vista técnico e outros mais, uma companhia recentemente organizada pela empresa Gomes e Grijó, que, não sendo de molde a poder-se lhe por enquanto atribuir brilhantes e elevadas qualidades de excelência, apresenta-se contudo com a mais plena correcção, tendo no seu seio elementos muito apreciáveis com todas as condições precisas para se impõem á simpatia e ao agrado dum público letrado e exigente. Raríssimas vezes até se consegue um conjunto tam pleno de harmonia e de homogeneidade artistica, que é um dos milhores atributos da Companhia, a qual, não temos dúvida alguma em profetizá-lo, será, dentro de pouco tempo,—o necessário para corrigir as deficiências inerentes a todos aqueles que, pela melindrosidade e delicadeza da sua arte, não podem assim tam espontaneamente tirar os magníficos effeitos de que a sua capacidade é susceptível, depois de largamente exercitada,—será dentro de pouco tempo, dizíamos nós, uma das primeiras companhias de opereta portugueza, com um largo e próspero futuro.

Há algum tempo já que esta companhia se encontra no Pôrto, tendo dado uma larga série de representações dalgumas peças do seu vasto repertório que é muito variado e escolhido. Assim, temos já o gosto de ver as *Manobras de Outono*, *A mulher moderna*, *A Dama Rocha* e actualmente a *Eva*.

Em todas ellas o desempenho tem sido correctíssimo, senão primoroso, ao ponto de merecer de toda a imprensa portuense em geral, mesmo daquela que é mais rigorista e conscienciosa em matéria teatral, as mais elogiosas apreciações e as mais lisonjeiras referências. Isto sem favor nem condescendência. Não obstante, o público não tem sabido nem querido corresponder, não sabendo nós a que attribuir tam injustificada circumstância, sabido que várias e sucessivas enchentes temos presenciado neste teatro sob a representação de companhias sem muitos dos predicados que esta possui.

A *Eva*, peça que actualmente está em scena, com música de Franz Lehar, o famoso autor da *Viuva Alegre*, reúne, com excepção do entreccho,—de resto, parte secundária numa opereta alemã,—todas as condições para

um grandioso e perdurável successo. A música é deliciosíssima, dum inspiração assombrosa e mágnifica que só o grande talento musical dum mestre consagrado e com o profundo conhecimento da sua arte, poderia conceber. A sua audição encanta e seduz, fazendo vibrar toda a nossa sensibilidade e despertando-nos na alma as mais doces e consoladoras emoções. Tem um realce, um poder expressivo, uma harmonia, um requinte de tanta delicadeza e sentimentalidade, que lhe dão um prestigio, uma sugestão e um enlevo cheios de maravilhosa arte. Não é uma música de opereta; o que ella é verdadeiramente, é uma música de ópera cómica. Mas, francamente, a peça não merece uma tam bela música.

O enredo é mal urdido e mal alinhavado.

Um joven industrial, rico, feliz, leviano, amando a vida elegante dos salões, enamora-se, pela sua beleza e graça, dum linda rapariga, sua operária. Esta paixão torna-o melancólico e aprensivo. Só a posse da rapariga o preocupa como um desejo irresistível, muito vivo e muito intenso.

Eva é atraída a casa do seu namorado, que fica situada perto da fábrica. No momento da sua aparição, numa sala contigua, ouvem-se as notas dum valsa cheia de melodia e sentimento. Então, ela espreita e fica fascinada com o esplendor das luzes e das *toilettes* realçando a beleza de tantas gentis mulheres. E' ambiciosa, romântica, sonhadora. E na sugestão de todo esse extase e inebriamento, só um desejo lhe ocorre e que ella revela como através dum sonho feliz, com as pálpebras semi-cerradas pelo goso que lhe dá toda essa visão: *Viver assim uma hora!* Mas mais tarde esse sonho é realidade e ella, trocando o seu traje humilde de operária pelas vestes lúxuosas e brilhantes dum mundana, em que a sua extranha beleza fulgura com um brilho deslumbrante, apparece-nos no turbilhão das salas, dominando como rainha.

Vencendo as precauções que o amante de Eva tinha tomado para evitar as hostilidades dos operários em quem a desonra da sua companhia tinha provocado imensa cólera, uma comissão de trabalhadores consegue, por meio da violência, falar com o industrial no momento em que Eva apparece. Eles reclamam a entrega da rapariga num acento de energia e de revolta. Como resposta, recebem, humilhados e resignados, a noticia de que Eva é esposa do industrial.

Ela sorri, radiante de felicidade. Mais tarde o amante convence-a do seu engano, dizendo tratar-se dum *truc* para evitar as represalias dos seus operários. A desilusão é dolorosa e provoca em Eva uma violenta explosão de censuras, lamentações e queixumes.

Foi para este entreccho que Franz Lehar compos a mais perfeita e deliciosa música teatral que nestes últimos tempos temos ouvido.

Só de per si ella faria a glória dum compositor.

A distribuição dos diferentes papeis, quanto ao desempenho da peça, está inteligentemente feita, a não ser o de Elsa Bubini que nos parece um pouco deslocada. No papel da *Dama Rocha* estava á maravilha. A Elsa nunca poderá dar-nos o tipo perfeito da estroina parisiense, estouvada e coquete. O seu perfil encantador, tam meigo e romântico, tam fino e delicado, as suas maneiras distintas, mesmo a expressão do seu olhar pedem situações doutra natureza, onde o amor, o sonho, a paixão e o sentimento vibram num idealismo azul de romance e quimera.

Como cantora, os seus dotes são excellentes. O timbre da sua

voz é muito agradável e harmonioso. Quanto ao scenário e ás marcações desta peça dir-lhes hei que são dum effeito surpreendente em que o bom gosto e o sentimento estético predominam num relêvo verdadeiramente empolgante. E é tudo quanto lhes posso, sei e creio dever dizer a respeito da *Eva* que constitue um verdadeiro acontecimento teatral para o Pôrto, merecendo, sem favor, as honras da publicidade.

N. B.—Esta opereta foi dada em *première* na noite de 14 deste mês, sendo dessa primeira representação as ligeiras impressões que deixamos traçadas. Fazemos esta observação porque um amigo nosso, a quem dissemos as nossas impressões, nos assegurou que agora a Elsa está bem integrada no seu papel.

Um grande aniversário

Celebra a Igreja Católica, na próxima quarta feira, uma data gloriosa na sua refulgente história que é a do nascimento do Messias prometido, do Mestre dos povos da Galileia, do Divino Mártir Jesus Cristo, vítima da inconsciência e da ferocidade daqueles que viram nele o destruidor do seu poderio e do seu despotismo, pregando ao povo a linguagem da virtude e da verdade.

Na véspera desse dia, em todos os lares católicos, desde o mais humilde ao mais opulento, se acende uma acha em sinal de festa e se entoam os cánticos dos pastores de Belém:

¡Hosana, Hosana ao filho de David!

Nem o perpassar dos séculos—e já lá vão tantos!—conseguiu apagar na alma crente do povo católico este feliz dia que marcou a sua libertação, e ainda hoje, todos os que estão ausentes da família e o podem fazer, correm de grandes distâncias a juntarem-se com ella para, todos juntos, elevarem as suas vozes ao Céu, dizendo com os anjos:

¡Hosana, Hosana ao filho de David!

¡Glória a Deus no Céu e na terra paz aos homens!

Antigamente o dia de quarta feira era o dia de Natal perante a lei; hoje, que a lei desprou as coisas da Igreja, é o dia consagrado á familia.

E' a curvação da lei perante o inextinguível.

O Herodes Antipas de hoje julgou acabar com a religião em duas gerações, mas nem sequer teve forças para acabar com este dia, mascando com a denominação de familia o que elle encerra de real e de verdadeiro.

E' que este dia não podia acabar porque, fôssem quais fôssem as tentativas e as repressões, o espirito católico continuaria sempre a entoar com os anjos:

¡Hosana, Hosana ao filho de David!

Espectáculo

No dia 25 do corrente realízase um espectáculo no teatro D. Afonso Henriques, em beneficio dum chefe de familia falto de recursos, constando de parte cinematografada e parte representada.

Na primeira teremos as seguintes fitas de soberbo effeito:

A falta da camisa.

Desonra oculta.

História de um homem esbofetado.

Amor de além-túmulo 1.ª parte.

Amor de além-túmulo 2.ª parte.

Actualidades, 38.

Os dois grandes namorados. Na segunda teremos a representação da comédia em 3 actos *Um amigo dos diabos*, interpretada pelo Grupo Dramático Gil Vicente.

Pelo visto teremos uma casa á *cunha*.

úteis, desde as 11 horas da manhã às 3 da tarde, o juro e amortização do empréstimo de 5:000\$000 réis, que a mesma realizou em 1 de maio de 1906.

Guimarães, 16 de Dezembro de 1912.

O PRESIDENTE,

Domingos Leite de Castro.

Interesses no Brasil

O Escritório de Direito Internacional, à rua do Hospício n.º 79—Rio de Janeiro—, dirigido pelo dr. Carmo Braga, formado pela Universidade de Coimbra, com longa prática de advocacia em Portugal e no Brazil, advogado do Banco Aliança do Pôrto, da Beneficência Portuguesa e da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, trata especialmente de todas as questões relativas a direitos e interesses de portugueses no Brasil, inventários, habilitações, partilhas, execução de testamentos, providências para evitar a arrecadação judicial de bens e heranças de ausentes, etc. Também aceita procurações para administração de bens no Rio de Janeiro, cobrança de alugueis, rendas, juros dividendos, compra, venda e hipoteca de prédios, averbamento de papeis de crédito, transferências, etc.

Escritório Filial no Pôrto, dirigido pelo solicitador sr. João Fernandes Amaral, — rua da Fábrica, 78.

Para referências em Guimarães—com os srs. Fernandes & Cruz, e com os advogados drs. António do Amaral e João Rocha dos Santos.

FUNILEIRO

Manuel Ferreira da Costa

Faz e concerta toda e qualquer peça de obra pertencente à sua arte, tanto em folha, como zinco ou cobre.

Também se fazem gazómetros para acetilene, pulverizadores, caixões de chumbo para funerais, banheiras de todos os tamanhos e feitios, encanações de agua ou gaz em tubo de chumbo ou galvanizado, assim como assentamento de retretes e suas pertenças. Tudo por preços módicos.

Rua de Francisco Agra, 31, 33.
GUIMARÃES

TIP. MINERVA VIMARANENSE



Oficina de encadernação, papelaria e livraria

—DE—

António Luís da Silva Dantas

Rua de Paio Galvão—GUIMARÃES

Na oficina tipográfica, montada com cerca de 240 colecções de tipos, maquinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, tais como: obras de livro e jornais de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e óbito; circulares, memoranduns, facturas, envelopes e todos os demais impressos para comércio; mapas, mandados de pagamento, talões e vários outros impressos para repartições públicas civis, eclesiásticas e militares; rótulos para farmácia; etiquetas para fábricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programas e bilhetes para espectáculos, etc., etc.

Impressões a cores, ouro, prata e cromotipografia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS.

Na oficina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes à arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material, vindo expressamente do estrangeiro, e pessoal competentemente habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papeis almaços, finos e de impressão, nacionais e estrangeiros, objectos de escritório caixas de papel de fantasia em diversos formatos, livros em branco, para comércio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encatrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos químicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondência directa com os mais hábeis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RAZOÁVEIS. * * * Trabalhos perfeitos e rápidos.

Fotografia Carvalho

98, Rua de Paio Galvão, 98

(Junto ao edificio dos Bombeiros Voluntários)

Guimarães

Luxuoso ATELIER montado segundo os últimos quesitos da arte e dotado de excelentes aparelhos, o que lhe permite executar: Esmaltes fotográficos para medalhas, perfeitos e eternos.

Retratos em porcelana.

Retratos reclame, desde 600 réis a dúzia.

Ampliações inalteráveis, desde 2\$000 rs.

Novidades, efeitos de luz, transformações de vestidos e penteados, etc., etc.

Opera-se com todo o tempo.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

MACHINAS SINGER PARA COSER
QUE VÃO DIRECTAMENTE
DAS
FABRICAS AO COMPRADOR
VENDA ANNUAL: 2.000.000 DE MACHINAS

ESTABELECIMENTOS SINGER
EM TODO O MUNDO

NÃO CABEM
JÁ NAS
MACHINAS
PARA COSER

SINGER

MAIS
APERFEIÇO-
AMENTOS
NEM
MECHANISMO
MAIS
EXCELLENTE

MAXIMA LIGEREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO
NO TRABALHO.

Avenida Candido dos Reis—GUIMARÃES

O LUSITANO

Publicação semanal

PREÇO DA ASSINATURA
(Pagamento adiantado)

Portugal, Ultramar e Espanha	
Sem estampilha. (Ano)	1\$200 rs.
(Semestre)	600 "
Pelo correio (Ano)	1\$300 "
(Semestre)	650 "
Trimestre	400 "
Estados U. do Brazil (ano)	1\$600 "
Países da União Postal	2\$000 "
Número avulso	30 "

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES
(Pagamento adiantado)

Anúncios e comunicados, por linha	40 rs.
Repetições, por linha	20 "
Permanentes, contrato convencional.	
Reclamos, no corpo do jornal, até	
5 linhas, cada um	100 "
Anunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.	
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.	

Alberto César

Tipos Populares da Minha Terra
(Uma galeria)

64 páginas em formato elegante.

Preço 250 réis

Pedidos ao auctor

ou à

Tipografia Minerva Vimaranesa

GUIMARÃES

O LUSITANO

I Ano

Publicação semanal de Guimarães

Num. 28

Ex.º Sr.